

JM falou com Sónia Tavares, vocalista dos The Gift

“Não imaginava que conseguíssemos acompanhar os sinais do tempo”

Banda de Alcobça iniciou ontem, no Teatro Baltazar Dias, a digressão intimista de ‘Altar’. Esta noite, a partir das 21h00, volta a subir ao palco numa sala vermelha esgotada.

CONCERTO

Susana de Figueiredo

susanafigueiredo@jm-madeira.pt

Brian Eno chamou-lhe ‘little ray of darkness’, contou Sónia Tavares, em entrevista ao JM. Ficou rendido à “negritude” e à “profundidade” da voz grave de Sónia Tavares a inundar a sala. É tão fácil perceber porquê. Entramos no camarim ‘Prima Donna’ do Teatro Baltazar Dias, onde a vocalista dos The Gift nos recebe com um “Olá, boa tarde!”, grave, a rasgar-se até aos olhos e sorriso fundos. Num gesto rápido, as canções estão todas ali, à superfície. É algo que não se consegue explicar bem, mas que até o firme aperto de mão sublimina.

Foi em Vigo que o conhecido produtor britânico ouviu pela primeira vez o ‘grito’ dos The Gift, e a sonoridade já não lhe saiu do ouvido. É sua a produção deste ‘Altar’, que ontem se ergueu no Teatro Municipal Baltazar Dias, numa celebração com sala cheia. Hoje à noite torna a haver lotação esgotada para escutar a banda de Alcobça, num registo que revela não só o lado mais íntimo deste álbum, mas também o lado mais íntimo dos próprios The Gift.

Duas salas esgotadas, em pouco tempo, são a prova do tanto que

o público espera da banda alcobacense, que se mantém em cena há 23 anos e espera, a todo o fôlego, cumprir, pelo menos, o dobro do tempo a fazer canções, reinventando-se a cada disco.

TINHA DE SER AQUI

Escolheram o Funchal e o Teatro Baltazar Dias para darem início a uma digressão mundial que leva mais longe, na terra e na pele, ‘Altar’. Foram várias as salas portuguesas que quiseram abrir portas a estes concertos-prelúdio, mas foi na capital madeirense que o quarteto formado por Sónia Tavares, Nuno Gonçalves, John Gonçalves e Miguel Ribeiro fez questão de sentar-se na “sala de estar”.

“Faz todo o sentido apresentarmos este ‘Altar’, mais íntimo, num lugar tão maravilhoso como o Teatro Baltazar Dias. É, sem dúvida, o melhor sítio para o fazermos, até porque ainda não tínhamos trazido à Madeira este formato. Na última vez, atuámos em Machico, na feira gastronómica, numa praça com milhares de pessoas... Agora é diferente, podemos mostrar este lado mais íntimo do álbum. E as pessoas podem, finalmente, perceber que tipo de sonoridade tem o disco. Aqui, evidencia-se toda a complexidade das composições de que é feito o ‘Altar’, aspetos que, nas grandes festas das cidades, passam um pouco despercebidos no meio de temas como ‘Fácil de entender’

ou ‘Primavera’. As pessoas podem perceber cada som, cada palavra, e concentrar-se nestas músicas mais recentes. E nós só temos de agradecer a forma como os madeirenses aderiram tão prontamente a este espetáculo. Mas atenção, nunca pensámos: pronto, o espetáculo já está ganho, bem pelo contrário, quanto mais depressa se esgota um espetáculo, maior é a nossa responsabilidade. Não queremos, de modo algum, defraudar as expectativas do público. Temos uma grande vontade de celebrar o disco com as pessoas”.

A FIBRA DE ‘ALTAR’

Ontem, quem viu e ouviu, pôde confirmar a celebração, as emoções, a partilha e a densa fibra de que se tece o mais maduro e perfilado trabalho do grupo. “Se este não é o disco das nossas vidas, é, sem, sombra de dúvida, a experiência das nossas vidas”, afirma Sónia Tavares, sublinhando que “trabalhar com Brian Eno foi, e será sempre, a experiência mais marcante para o grupo”.

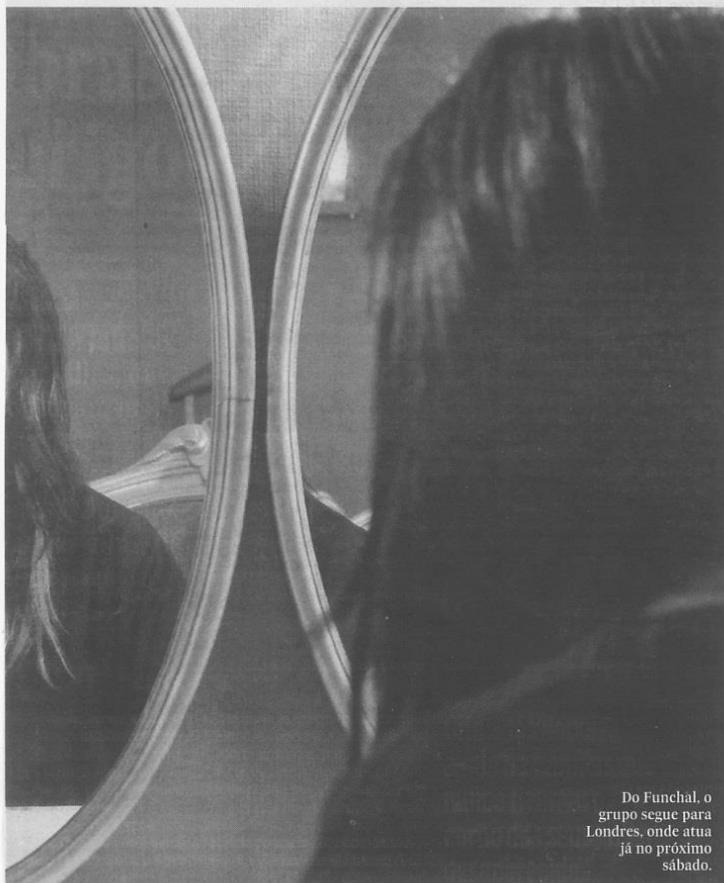
“Tivemos o prazer de o receber num concerto em Vigo. Ele estava de férias em Espanha, e a nossa produção convidou-o a assistir ao concerto. Foi a partir daí que ele nos conheceu ao vivo, conheceu a personalidade de cada um em palco, e interessou-se pelos The Gift. É engraçado... Como é que um homem que está à frente do seu tempo, que trabalha com as



“Faz todo o sentido apresentarmos este ‘Altar’, mais íntimo, num lugar tão maravilhoso como o Teatro Municipal Baltazar Dias. É, sem dúvida, o melhor sítio para o fazermos.”

melhores bandas do mundo, decide arriscar o seu nome com uma banda portuguesa como os The Gift.” A verdade é que bastou aquele momento para que se encaixasse, e não se terá arrependido. Na banda alcobacense, o produtor vislumbrou esse rasgo. A gravidade da voz, mas também da identidade. O estilo. Como se cria um estilo? “Tem de ser uma coisa genuína, que vem de dentro de nós. Creio que foi essa autenticidade que o Brian percebeu nos Gift, e é essa personalidade vinçada que queremos manter. Somos uma banda quase veterana, e, passados 23 anos, é a nossa personalidade musical que nos mantém vivos.”

E o ‘little ray of darkness’? “Era o que me chamava o Brian. Ele gostava que a minha negritude e



Do Funchal, o grupo segue para Londres, onde atua já no próximo sábado.

“Ele [Brian Eno] gostava que a minha negritude e a minha profundidade entrassem pela sala. Ficou impressionado com os meus graves, que não são assim tão comuns nas senhoras...”
[riso].

travessia de canções e constante reinvenção, mas sobretudo dessa forte identidade musical, que os quatro colocaram sempre à frente do resto, mantendo-se despretensiosos para as influências, mas sem se tornarem “influenciáveis”.

Imaginavam chegar tão longe? No princípio, essa era uma questão que nem sequer se punha na cabeça de quatro miúdos que queriam, acima de tudo, divertir-se a fazer aquilo que mais gozo lhes dava: fazer canções, cantá-las e tocá-las. Com o tempo e o talento, essas canções começaram a tocar noutras cabeças, noutras corações, noutras territórios que não a sua ‘rua’. Sim, estavam, então, longe de imaginar o futuro.

“Quando começámos, tínhamos 17 anos, fazíamos isto como um hobby, a música era completamente diferente, a forma como se ouvia música era diferente. A partir de 2010, as coisas mudaram radicalmente no mundo da música, até a maneira como se faz headphones mudou. Na verdade, não imaginava que conseguíssemos acompanhar os sinais do tempo, no entanto, conseguimos fazê-lo, e era mesmo isso que nós pretendíamos enquanto músicos, reinventarmo-nos de disco para disco.”

Sónia Tavares, que não tinha qualquer ambição de ser famosa ou de viver em cima do palco, hoje já não se vê sem o corpo inteiro a calcá-lo, sem a vida toda a respirar desse pulmão que a adolescência não antecipara. Com o tempo, o talento e a entrega, vieram tantos outros sentidos. Em português, há quem lhes chame destino. E a cantora não nega. “Vão ter de levar comigo, no mínimo, mais 25 anos, até à idade da reforma.” [riso]. JM

a minha profundidade entrassem pela sala. Ficou impressionado com os meus graves, que não são assim tão comuns nas senhoras...” [riso].

‘Altar’ levou dois anos para nascer. As canções foram pensadas, “desenhadas” ao pormenor, cantadas e cantadas, até virem respirar ao vivo. Contudo, no fim, “não ficou nada por fazer, nem nada dito demais”. No fim, a sensação foi de “grande alívio”, conta Sónia. “As canções já estavam mais do que desenhadas na nossa cabeça. O Brian soube dizer-nos: “esta canção já está pronta, não vamos mexer-lhe mais”, o que foi muito importante. Depois, o que queríamos era cantar as canções para as pessoas. Era só isso que faltava, e é essa fase que estamos agora a viver, e que vai

durar, pelo menos até ao início do próximo ano”.

CELEBRAR AS CANÇÕES E O TEMPO

Os The Gift estão em celebração, em pleno ‘Altar’. Do Funchal rumarão a Londres, onde atuam já no próximo sábado, seguindo-se concertos nos coliseus de Lisboa e do Porto. O regresso à ilha, ainda este ano, fica prometido, porque o destino da banda continuará o seu curso e porque “as canções merecem ser celebradas”. “Se não pudermos ir ao continente ver-nos, de certeza que voltamos a encontrar-nos cá, ainda este ano. Haverá sempre canções novas, motivações novas, e uma festa onde somos desejados”.

Até lá, a ordem é: ‘adoração’ aos pés deste ‘Altar’, projeto resultante de uma longa e intensa

